

LA HISTORIA RECIENTE EN LA ESCUELA: SABERES Y PRÁCTICAS DOCENTES EN TORNO A LA ÚLTIMA DICTADURA.

MARÍA PAULA GONZÁLEZ

BUENOS AIRES, ARGENTINA: UNIVERSIDADE NACIONAL DE GENERAL SARMIENTO, 2014

O livro *La historia reciente en la escuela: saberes y practicas docentes en torno a la ultima dictadura*, da historiadora argentina María Paula González, investiga as práticas e saberes mobilizados pelos docentes no ensino da última ditadura militar na Argentina (1976-1983), considerada uma das mais violentas ditaduras da América do Sul. A obra é fruto da sua tese de doutoramento em Didática das Ciências Sociais defendida na Universidad Autónoma de Barcelona, Espanha, em 2008. Atualmente, González é professora adjunta de História na Universidade Nacional de General Sarmiento, província de Buenos Aires.

Dialogando com a recente produção historiográfica sobre o ensino da história da última ditadura na Argentina, González concentra sua investigação no professor, analisando seus discursos sobre os passados dolorosos no Ensino de História; suas reflexões sobre os objetivos do ensino de história; as estratégias e materiais adotados nas salas de aulas; as relações estabelecidas entre professores e os demais atores educativos e instituições escolares. A historiadora trabalhou com duas hipóteses investigativas: 1) as práticas e saberes docentes são forjados por múltiplas referências informativas ao invés de serem linearmente resultados de uma simplificação da ciência de referência que alimenta o saber escolar; 2) no caso argentino, a narrativa do *Nunca Más*¹ tornou-se predomi-

nante no ensino de história do passado recente, expondo as relações entre história e memória.

O principal corpo documental da pesquisa é um conjunto de entrevistas realizadas pela própria historiadora entre os anos de 2004 e 2012 com professores de história do nível secundário de escolas públicas e privadas. Também são utilizadas como fontes as normatizações oficiais vigentes entre 1993 e 2012, período marcado pela reforma educativa argentina. A esse respeito, a própria autora reconhece as potencialidades e também os limites do uso prioritário de fontes orais no desenvolvimento da pesquisa. Para os historiadores dedicados ao Tempo Presente, os depoimentos se tornaram fonte preciosa na compreensão das sensibilidades, das autocensuras e das subjetividades que forjam os posicionamentos e ações individuais e coletivos no tempo.

As graves violações dos direitos humanos cometidas pelas ditaduras militares da América do Sul nos anos de 1960 e 1970 tornaram-se tema recorrente no espaço público a partir do final dos anos de 1980 e 1990, décadas marcadas pelos diferentes processos de redemocratização nos países do Cone Sul. As maneiras de lidar com este passado doloroso – sensível pela dor que não cessa; pelos restos mortais não localizados; pelos traumas da tortura; pelos arquivos fechados; pelas colaborações e silêncios – ainda é um desafio para a reconciliação nacional e para a construção de um futuro

¹ O relatório *Nunca Más* é o resultado das investigações oficiais realizadas pela Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas (CONADEP), criada na administração do então presidente Raúl Affonsin (1983-1989). O relatório foi publicado em 1984, tornando-se um *best-seller* na Argentina. A função da Comissão era a busca da verdade através do registro de testemunhos e a busca de informa-

ções que identificassem o número de mortos e desaparecidos políticos nos anos da última ditadura (1976-1983), além de identificar os centros de detenção clandestinos e as práticas de tortura e desaparecimento forçados utilizadas pelos agentes da repressão.

democrático nos países sul-americanos. Se nos espaços públicos, nas universidades, nos meios de comunicação e nos tribunais o tema ainda gera inúmeros debates e controvérsias, evidenciando as batalhas pela memória, na escola, lugar tradicionalmente marcado pelo ensino do conhecimento consensual, seu tratamento se torna ainda mais difícil. Afinal, o ensino dos passados dolorosos rompe com a tradicional função da história ensinada, ou seja, a valorização dos episódios fundacionais da história nacional – com seus heróis e momentos épicos. Neste caso, trata-se de uma história envergoadada, marcada pelo arbítrio, pelo horror, pela violência e clandestinidade como forma de ação política.

Ora, quais e como os conteúdos são abordados pelos docentes nas suas aulas? Quais saberes e práticas são acionados para tratar de uma história recente marcada por tamanha violência? Como a memória e a história se entrelaçam nas salas de aula? Que referências são acionadas para narrar essa história? A autora propõe responder essas questões organizando sua pesquisa a partir de eixos temáticos que dividem o livro em quatro capítulos: a relação entre a memória e a história nas normatizações oficiais sobre o ensino de história recente na Argentina; o professor e suas memórias sobre o passado recente vivido; o passado recente e as escolas; o passado recente nas aulas. Para González, o discurso produzido pelo *Nunca Más* atravessa o ensino da história recente em detrimento de outras memórias e análises mais recentes produzidas pela historiografia argentina.

A autora incorpora ao seu trabalho conceitos caros à antropologia, à sociologia, à história, à didática e à pedagogia, propondo que os conteúdos escolares ensinados não são fruto de uma transposição didática linear; ao contrário, são marcados por embates sociais e forças políticas nos quais os professores também são protagonistas – com suas experiências pessoais, seus posicionamentos políticos, autocensuras e relações estabelecidas com os espaços onde

atuam. Tensões sociais expressas pelo posicionamento dos diretores, pais, alunos, normas oficiais e também pelos próprios professores, produzem silêncios, nuances e sombras no tratamento dos conteúdos escolares. Assim, as escolas também são espaços sociais marcados pelas batalhas da memória, vendo-se invadidas constantemente pelas tensões coletivas.

González faz um importante e difícil movimento analítico ao articular as disputas políticas e sociais engendradas em uma sociedade ao ensino da disciplina escolar, neste caso, ao ensino dos passados dolorosos em História. As práticas docentes, assim como seus saberes, são elaboradas a partir de uma multiplicidade de referências (legislações, produções culturais, investigações científicas de diversas áreas, trajetórias biográficas e memórias individuais, posicionamentos éticos e políticos, cultura escolar, pressões societárias) que interferem no processo de ensino e aprendizagem histórica. Também não há uma homogeneidade no exercício da prática docente, ainda que alguns materiais didáticos e fontes sejam recorrentemente usados por uma parcela majoritária dos professores (no caso argentino, o relatório *Nunca Más* e películas como *La noche de los lápices* e *La Historia oficial*), com apropriações e objetivos distintos pelos professores no uso desses documentos na sala de aula (muitas vezes, como demonstrou González, sem a contextualização necessária à formação crítica do jovem educando).

Em certo sentido, sua pesquisa contribui para a reflexão da história das disciplinas escolares, das práticas docentes e dos múltiplos fatores que interferem na produção do conhecimento escolar, para além da suposta transmissão linear existente entre a ciência de referência e o saber escolar. Sem dúvida, sua pesquisa ultrapassa as barreiras de uma análise de caso vinculado a uma experiência nacional específica, contribuindo para aprofundar as reflexões no campo da Educação histórica, ainda que restrinja suas análises às práticas docentes no ensino de história. Aliás, nesta pes-

quiza, os professores são apresentados como protagonistas, por excelência, do ato de ensinar – rompendo com perspectivas que nos reduzem a simples mediadores do conhecimento.

Para além dos problemas que marcam o ensino dos passados dolorosos, González apresenta as possibilidades no tratamento desse passado. Ao invés de evitá-lo, afirma a autora, é preciso que professores se apropriem dele, ampliando as discussões sobre a responsabilidade ética e política das sociedades no alvorecer do século XXI; favorecendo a construção de uma autonomia crítica entre os jovens, tornando-os cidadãos críticos e comprometidos com o bem-estar coletivo.

Diante das inúmeras transformações sociais, políticas e econômicas vividas pelos países oci-

dentais nas últimas décadas, cujas consequências incluem o reforço do fundamentalismo religioso, do conservadorismo político e da maximização do lucro, o outro se torna cada vez mais objeto de intolerância. Neste quadro, torna-se imperativo no presente, conhecer criticamente o passado e seus momentos traumáticos; enfatizar os diferentes níveis de responsabilidade dos atores sociais (individuais e coletivos); fortalecer a defesa da democracia, da justiça social e dos direitos humanos como valores inegociáveis no nosso horizonte de expectativas. O ato de lembrar tornar-se-á então um ato de reflexão contínua.

TATYANA MAIA
(INVESTIGADORA DO CITCEM
E BOLSEIRA CAPES)